

OS SENTIDOS HUMANOS E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR¹

Em busca do caminho do meio para o desenho universal

RHEINGANTZ, Paulo Afonso (1); ARAÚJO, Mônica Queiroz (2); ALCANTARA, Denise de (3)

- (1) Arquiteto, Doutor, professor adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ (par@ufrj.br)
(2) Arquiteta, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – UFRJ, Professora da Faculdade SENAI/CETIQT (mqueiroz@cetiqt.senai.br)
(3) Arquiteta, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - UFRJ (deal.rlk@terra.com.br)

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o atual posicionamento dos arquitetos – projetistas dos ambientes construídos – e a atenção dada aos sentidos humanos em sua interação com o ambiente acessível a todos de forma universal. Buscamos como fonte inspiradora as palavras de Merleau-Ponty que sugeriu de forma pioneira uma relação de interação inequívoca do homem e seus sentidos com o mundo vivenciado. Estudos e pesquisas recentes realizados acerca das dificuldades e limitações de pessoas com necessidades especiais nos guiaram na busca de informações que balizassem nosso pensamento no intuito de encontrar respostas a tantos questionamentos sobre a universalidade do desenho dos ambientes que utilizamos em nosso dia a dia. Foi, entretanto e especialmente, nas propostas de Humberto Maturana e Francisco Varela sobre a cognição como um processo de incorporação da ciência com a experiência vivida – que integram os cinco sentidos humanos e a consciência – que pudemos traçar alguns caminhos possíveis na questão ainda emergente do desenho universal em nossa realidade contemporânea.

ABSTRACT

This paper reflects on the current state of architect's attitudes towards human senses and their interaction with the environment universally accessible to people. We have looked for inspiration in Merleau-Ponty's ideas who first suggested a definitive relationship of man and his senses with the living world. Recent research studies on the difficulties and limitations of people with special needs has helped us in looking for information that would guide our thinking in searching for answers to so many questions about the universal design of places we use in our daily lives. By especially using Humberto Maturana and Francisco Varela's proposals about cognition as a process of incorporating science with living experience – including the five human senses and consciousness - we were able to trace some possible lines on the emerging question of universal design in our contemporary reality.

INTRODUÇÃO

“Um homem só pode ser cego porque, em sua essência, permanece um ser capaz de visão. Um pedaço de madeira nunca pode ficar cego. Se, no entanto, o homem fica cego, então sempre se pode colocar a pergunta se a cegueira provém de uma falta e perda ou se consiste num excesso e abundância desmedida.”

HEIDEGGER (2001:179)

Partindo deste pensamento de Heidegger, neste artigo entendemos o mundo como aquilo que vemos, sentimos, cheiramos, tocamos, cujo sentido está diretamente ligado à essência daquele que o vivencia, à nossa consciência do mundo, de um lugar cujas fronteiras concretas ou geometricamente tem sido progressivamente ampliadas pelas novas tecnologias, que possibilitam incorporar inclusive o mundo virtual. Este entendimento do mundo nos leva a questionar a essência do ato projetual – se existe alguma relação entre o sentimento do projetista ao concretizar uma idéia e as sensações e percepções dos usuários; ou se [e como] sua ação projetual está submetida às questões espaciais corretamente solucionadas. A título de provocação, nosso argumento baseia-se no pressuposto de os arquitetos precisam incorporar em seus projetos as diferentes dimensões do “espírito”, do “sentido” e da “consciência” do lugar: a pessoal, a dos usuários e a do próprio lugar. Esta tríade articula o argumento em favor do reconhecimento dos sentidos humanos como os condutores da construção de lugares de qualidade e inclusivos para todos os seus habitantes – o que implica reconhecer que o exterior existe porque existe um ser humano que o vivencia; para quem “o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo.” (MERLEAU-PONTY 2000: 16)

¹ Publicado nos Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano (CD-Rom) – Rio de Janeiro, 2004.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nossa consciência do mundo forma em cada indivíduo *um* mundo “real” que se torna independente dos sentidos e em cuja construção, cada sentido deixa de agir isoladamente para formar um todo, uma única mente que edifica os lugares imaginados. Este processo pressupõe que é o corpo-mente do homem que constrói o seu mundo e que os sentidos deixam de ter prioridades (DA SILVA; HOMENKO: 2002); um mundo onde os sentidos atuam como condutores de uma realidade exterior que reverbera na alma do indivíduo. Quando falta a este indivíduo um de seus sentidos, todos os outros continuam a construção do mundo experienciado, sem deixar lacunas em branco. A consciência – que envolve necessariamente uma pessoa, um objeto experienciado e uma relação que os une – inclui a presença de todos os sentidos: “existe *contato* entre a mente e seus objetos; um *sentimento* específico de prazer, desprazer ou neutralidade; um *discernimento* do objeto; uma *intenção* em relação ao objeto; uma *atenção* para com o objeto” (VARELA, THOMPSON & ROSCH 2003: 81). A combinação destes fatores mentais configura o caráter de cada momento particular de consciência.

Para superar o abismo existente entre a ciência e a experiência humana e, também, a crença de que o cérebro é um órgão de processamento de informações que responde seletivamente a aspectos do ambiente, Humberto Maturana e Francisco Varela (1995) propõem que “viver é conhecer”, e que o processo cognitivo envolve a percepção, a emoção, o comportamento, a linguagem, o pensamento conceitual e todos os atributos da consciência humana, além de incorporar nossas interações com o ambiente. Varela, Thompson e Rosch (2003) recorrem ao termo *atuação* para evidenciar a relação de dependência do processo cognitivo com as experiências derivadas das capacidades sensório-motoras. Ao afirmarem que os processos de percepção e de ação são inseparáveis de um contexto cultural e biológico mais amplo, retomam Merleau-Ponty: “cabe-nos reformular os argumentos céticos fora de todo preconceito ontológico, justamente para sabermos o que é o ser-mundo, o ser-coisa, o ser imaginário e o ser consciente.” (MERLEAU-PONTY 2000: 18).

Desconhecendo a contribuição das ciências cognitivas, os arquitetos preocupam-se com as questões materiais, estéticas e com a geometria dos seus espaços, descuidando das questões relacionadas com as sensações, percepções, formações mentais e a consciência dos usuários. Em geral, não atentam para a influência das formas visíveis, sons, odores, sabores, coisas tangíveis ou palpáveis sobre os “objetos” da mente – pensamentos, idéias e concepções – nas reações das pessoas em sua interação com o ambiente.

Na verdade, pouco se sabe sobre o modo como os órgãos dos sentidos – olhos, ouvidos, olfato, paladar, tato e mente – e suas faculdades – visual, auditiva, olfativa, gustativa, tátil e mental – atuam para suprir a ausência total ou parcial de um ou mais sentidos em sua interação com o mundo físico. Estudos recentes sobre a cognição ambiental de pessoas com deficiências visuais indicam que o corpo-mente incorpora as experiências vivenciadas e adquiridas por meio da interiorização e da coordenação dos sistemas sensoriais de que dispõe. “A orientação espacial, para o cego, é proporcionada por referências sequenciais adquiridas, principalmente, mediante as informações auditivas, táteis-cinestésicas e olfativas” (De PAULA, 2003: 169).

Reconhecendo a unicidade “corpo e mente” e o processo de interação como um dos fatores formadores do sujeito-usuário e, também, do sujeito-projetista, a exemplo de Varela, Thompson e Rosch (2003), sugerimos a união da matéria (mundo) com a mente (homem) proposta pela filosofia oriental e por Merleau-Ponty no seu *entre-deux* (2000) na concepção e na produção de ambientes verdadeiramente inclusivos. A união entre mundo e mente implica em aceitar que os objetos tangíveis (materiais) produzidos pelos arquitetos não conferem, por si sós, qualidade e eficiência, uma vez que sua aceitação e eficiência estão diretamente relacionadas com os aspectos intangíveis – os pensamentos, a imaginação, os desejos, as idéias e as concepções – que permeiam a cultura e a sociedade. Desta forma, acreditamos ser possível superar a concepção arquitetônica voltada para as demandas de um homem “ideal” – conforme imaginados por Da Vinci e Le Corbusier – e possuidor de todos os sentidos. Este homem “ideal” é uma abstração, a arquitetura não tem atendido satisfatoriamente às demandas das pessoas “reais”, entre as quais se encontram aquelas com necessidades especiais que não se enquadram nestes padrões ideais (DUARTE; COHEN, 2003). Este pensamento, que se traduz em um olhar-padrão de um “homem ideal” e numa equalização irreal do registro mental de cores e formas produzidos na consciência e na mente é insustentável, pois pressupõe que todos os homens experienciam igualmente o mundo dos objetos tangíveis – das formas visíveis, sons, odores, sabores – e das formas intangíveis – das idéias e pensamentos.

O fato de nossas idéias e pensamentos dependerem e serem condicionados pelo mundo experienciado – seja ele material ou mental – evidencia que uma pessoa cega de nascimento, por exemplo, não pode ter idéia das cores, a não ser por analogia sonora ou outra experimentada por meio das faculdades sensoriais de que

dispõe; que uma pessoa surda não pode ter idéia de sons a não ser por analogia construída por algum dos outros sentidos, e assim sucessivamente. A reconstrução da capacidade imaginativa (consciência mental) destas pessoas ocorre pela incorporação da experiência vivenciada pela amplificação das outras capacidades sensorio-motoras. Se “nossa experiência da realidade – como vemos as coisas, o que elas significam para nós, como as sentimos e como reagimos a elas – é, em grande, parte uma construção da mente” (WELWOOD 2003: 66); se o nosso mundo é constantemente criado por nós mesmos – “nós *somos* o mundo; nós não somos nada mais do que a realidade” (WELWOOD: 2003 94) – para quem os arquitetos projetam e constroem seus ambientes?

O mundo que experienciamos é aquele que vemos, tocamos, cheiramos, ouvimos e construímos em nossas mentes; as nossas sensações ou experiências ambientais são produzidas na própria relação com o ambiente (VARELA, THOMPSON & ROSCH: 2003). Como a percepção é inseparável da consciência, uma vez que é pela experiência que reconhecemos os objetos físicos e os objetos mentais, qualquer desajuste ou disfunção na “regulagem” de um ou mais dos sentidos torna a percepção e a consciência ambiental “real” em algo substancialmente original e diferente para cada pessoa, ou até mesmo para a própria pessoa, uma vez que também pode ser afetado por seu estado emocional.

O reconhecimento de que “o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo” (MERLEAU-PONTY 2000: 16) implica na impossibilidade de se ignorar que a percepção aciona a imaginação independentemente da nossa capacidade de perceber o mundo na plenitude de nossos sentidos. Assim, embora os lugares possam vir a ser edificados com base em nossa capacidade de imaginar e de sonhar, eles tem sido configurados com base no olhar, nas crenças e nos valores de seus criadores. Esta prática descarta a possibilidade de se construir os lugares a partir da forma como os homens se relacionam com estes ambientes. Ao desconsiderar que os significados e valores devem ser alimentados pelas diferentes visões que se formam a partir das lembranças de imagens, odores, sons e sentidos que “falam” e alimentam o imaginário e o “real” de um determinado lugar, sua concepção se banaliza. Em contrapartida, a incorporação das diferentes visões que configuram a memória amplia e enriquece as possibilidades de se edificar um lugar de qualidade. Como existem inúmeras maneiras de se vivenciar o espaço, é necessário que elas sejam consideradas no processo de sua concepção. Paul Klee explicita com muita clareza as razões para incorporar todos os sentidos humanos no processo criativo, que inclui os projetos de arquitetura: “Estou igualmente familiarizado com a parte emotiva da música e posso facilmente pensar em analogias visuais” (apud DÜCHTING, 2003:17).

Os arquitetos, em geral, desconhecem o papel determinante das nossas *formações mentais* – volição, atenção e contato² – que dependem do conhecimento ou da consciência de sua existência, e condicionam o surgimento da consciência e da sensação de percepção. A volição e a atenção são inseparáveis; a *volição* é incontrolável e funciona sempre como uma antena nas portas dos sentidos – principalmente da audição e da visão; normalmente não podemos *não ouvir* ou *não ver* um determinado som ou objeto, mas qualquer irregularidade ou disfunção nos sentidos pode tornar imprevisíveis os resultados das nossas formações mentais –, a *atenção* é controlável e está constantemente associada à audição e à visão. A *consciência* ou conhecimento nunca surge por si só, pois ela é uma reação ou resposta sempre condicionada às seis faculdades sensorio-perceptivas – visão, audição, paladar, olfato, tato e mente³ – e os seus fenômenos exteriores correspondentes – formas visíveis, sons, odores, sabores, objetos tangíveis e objetos mentais (idéias e pensamentos). Sabemos que o instrumento da consciência visual é o olho e que as formas visíveis são seu *objeto* por outro lado, mas desconhecemos *como funciona* a consciência visual dos cegos e das pessoas com visão subnormal. Também sabemos que a consciência mental tem por *base* o órgão da mente e, por *objeto*, uma idéia ou pensamento; que a sensação, a percepção e as formações mentais – a consciência de uma pessoa dotada dos seis sentidos – possui seis formas vinculadas às faculdades dos sentidos aos seus órgãos internos ou *bases internas*, em correspondência com as diferentes espécies de objetos do mundo exterior, ou *bases externas*. No entanto, pouco sabemos sobre como se comportam a sensação, a percepção e as formações mentais das pessoas com dificuldades especiais, especialmente aquelas com algum tipo de disfunção ou ausência de um ou mais dos sentidos.

² Os elementos básicos das *formações mentais* na tradição budista, a *volição* significa vontade, voluntária ou involuntária; a *atenção*, presente na audição e na visão e é inseparável da volição; e o *contato* são as condições necessárias para o surgimento da sensação, percepção e consciência (DA SILVA e ROMENKO, 2002).

³ Segundo a tradição da psicologia budista, a mente é considerada um órgão sensorial e seu objeto é o pensamento formado a partir dos outros cinco sentidos.

Este desconhecimento faz com que os arquitetos acreditem que todas as pessoas têm a mesma *base interna* presente em seu corpo, e que a sensação, a percepção, as formações mentais e a consciência correspondente emergem das *bases externas* do mundo exterior. Acreditam que a *base interna* é sempre um corpo e uma mente ideais que, juntos, condicionam de forma previsível e invariável os três elementos básicos e sua consciência.

Como os ambientes projetados pelos arquitetos influenciam nossas mentes e nossos corpos, é conveniente que incorporem o conceito de união entre a matéria, as sensações e as percepções; que sejam capazes de despertar as emoções primeiras de lugar e de ser humano integrado, deixando de lado as imposições e os “ismos” do momento; que sejam capazes de considerar a matéria como condutora dos sonhos do ser humano que se emociona com as sensações por ela despertadas – as lembranças que um determinado cheiro desperta; os sentimentos provocados pelo calor do sol que entra pela janela e toca a pele; o som dos cheios e vazios que tornam um lugar familiar. Em outras palavras, os arquitetos podem se valer conscientemente da percepção de mundo, incorporando os objetos dos diferentes sentidos humanos ao seu projeto – objetos para os olhos; som para os ouvidos; matéria e vento para a pele; aromas para o nariz e gosto para a língua – e descobrir o poder de cada sentido humano e sua influência nas relações homem-ambiente.

Ao afirmar que é impossível fazer uma afirmação sobre algo que existe independentemente das nossas ações, Maturana (2001) sugere um novo caminho explicativo – o *caminho da objetividade entre parênteses* – onde o ambiente deve ser entendido somente em sua relação com os homens, cujas habilidades cognitivas são estruturalmente determinadas por sua biologia. Em contrapartida, o caminho dominante – o *caminho da objetividade sem parêntesis* – admite a existência de uma realidade que é independente das nossas ações e, por consequência, que o ambiente é algo externo aos homens. Em outras palavras, faz referência a algo que é “independente do que o observador faz e que constitui, implicitamente ou explicitamente, o fundamento do critério para aceitar” (MATURANA 2002: 42). Ao não se perguntar pela origem de suas habilidades cognitivas, o observador atua como se o objeto ou o fato que distingue preexistia à sua distinção.

Alinhados com o *caminho da objetividade entre parêntesis* de Maturana, reconhecemos a consciência como um ato de atenção sujeito a modificações decorrentes de qualquer disfunção ou “desregulação” no modo como as pessoas com necessidades especiais ou com “distintas habilidades físicas, psíquicas e sensoriais” (BORGES; FRESTEIRO: 2004) reconhecem e interagem com o ambiente. Este reconhecimento implica em considerar essa diversidade uma condição fundamentais para a promoção da inclusão social.

Para melhor fundamentar a necessidade de um novo enfoque para o problema da inclusão sócio-ambiental, a seguir apresentamos algumas questões relacionadas com as nossas consciências visual e auditiva e que também poderiam ser estendidas às demais consciências.

Consciência Visual

A consciência visual é sempre condicionada pela *base interna* – o olho e sua faculdade – e pela *base externa* – a luz, as formas e as cores, logo não é possível prever a reação produzida pelos ambientes e objetos nas pessoas com necessidades especiais. Diante do desconhecimento do modo como as pessoas cegas ou com visão subnormal vêem ou percebem os objetos e do modo como desenvolvem sua consciência visual, como é possível reconhecer os ambientes como indutores da construção de uma vontade, intenção ou *consciência visual* nos portadores de qualquer disfunção visual? Como é possível incorporar a carga afetiva e imaginativa dos cegos em sua experiência ambiental? Como é possível reconhecer que, por meio de sua memória e suas vivências, os cegos são capazes de usufruir os valores e significados intelectuais e imaginativos da arquitetura? (De PAULA (2003)

A consciência da visão indica que “ver” não significa “reconhecer”, a imaginação – para os portadores da visão “normal”, quase análoga à sensação visual – fornece, também aos cegos, o “colorido” e a carga afetiva de suas experiências (De PAULA, 2003: 180). Os depoimentos de dois cegos congênitos são esclarecedores: “porque quem não experimenta não conceitua e não interpreta” [e a] “arquitetura se dá através do seu sentimento, que não é só experiência física; é também uma experiência emocional, é uma experiência afetiva” (De PAULA, 2003: 177; 182).

O sucesso da aplicação do “passeio acompanhado”, método utilizado por Vera Bins Ely para observar o comportamento de usuários cegos no espaço, do estudo dos efeitos que as cores provocam na mente de pessoas com visão subnormal desenvolvido por Rosalia Fresteiro (2002) e do estudo do modo como os cegos congênitos avaliam a qualidade dos edifícios e ambientes desenvolvido por Kátia de Paula (2003), são

indicativos da importância de se conhecer melhor o modo como os ambientes afetam estas pessoas, e de como elas desenvolvem sua consciência visual.

Consciência Auditiva e Olfativa

Entre os arquitetos, pouco sabemos sobre o modo como opera a consciência auditiva em pessoas portadoras de algum tipo de deficiência auditiva. Sendo condicionada pelo ouvido com sua faculdade (base interna) e pelos sons (base externa), a consciência auditiva surge no contato ser humano com o mundo exterior produzido pela atmosfera. A exemplo da consciência auditiva, pouco se sabe a consciência olfativa de pessoas portadoras de deficiência olfativa, e de como os ambientes afetam sua consciência e interação ambiental; ou sobre como os ambientes afetam a consciência tátil de pessoas portadoras de alguma deficiência ou disfunção relacionada com o corpo e com o tato – dores, formigamentos, indisposições, etc.

Para Rheingantz e Emery (2001) os arquitetos não têm dado à qualidade do ambiente sonoro uma importância semelhante à do ambiente visual. A utilização consciente da paisagem sonora nos edifícios limita-se à utilização da “música ambiente”. Como resultado, se produz uma arquitetura “muda” –, além de inodora, insossa e frígida – onde a preocupação se restringe à busca do controle ou da eliminação dos ruídos e sons indesejáveis que, uma vez eliminados, também excluem diversos sons desejáveis.

A transformação da visão no sentido mais estruturado e prevalente faz com que se releguem as informações captadas pelos demais sentidos – tato, olfato, audição e paladar – a um relativo segundo plano. O designer sonoro Randy Thom sinaliza com uma possível razão para este descaso com o ambiente auditivo: “o som é, antes de tudo, invisível, o que lhe permite entrar despercebidamente pela porta lateral do cérebro. Mas o que é invisível raramente recebe o crédito (ou a culpa) que merece” (apud RHEINGANTZ & EMERY: 2001).

O depoimento de AH, 53 anos, cego congênito é bastante esclarecedor (DE PAULA: 2003, 156):

“...gostava muito de passear na Praia Vermelha, no final da tarde ... talvez pelo fato de o sol estar se pondo e ... o calor estar se reduzindo; ... Embora a gente não veja a luz, aquela troca da luz do dia pela da noite ... o crepúsculo que a gente não vê, não têm uma idéia exata do que seja visualmente, mas que na gente também provoca uma sensação agradável e gostosa.”

A possibilidade de incorporar diversos exemplos de *sensações sonoras* oferecidas pelo modo como os sons são utilizados na paisagem natural e as notáveis qualidades de sua “sono-diversidade” na concepção dos ambientes, como por exemplo, o som do vento, das gotas da chuva caindo nas folhas das árvores, os sons produzidos ao se caminhar sobre terra, a grama, as folhas secas, os pedregulhos ou a areia; o canto dos pássaros e os sons dos animais, associada com os cheiros e demais sensações, poderá conferir uma nova dimensão à qualidade de vida dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU ALGUMAS QUESTÕES PARA REFLEXÃO

Além do equívoco de considerarem que seus usuários “ideais” sejam dotados de todos os sentidos, os arquitetos acreditam ser detentores de um saber absoluto e infalível, capaz de proporcionar unicamente sensações agradáveis nos seus usuários dos edifícios, ambientes ou equipamentos que concebem e constróem. Que tipo de sensação visual, auditiva, olfativa, gustativa, tátil ou mental as pessoas com necessidades especiais experienciam nos ambientes construídos? Como as três diferentes sensações – agradáveis, desagradáveis e neutras – interferem sobre os órgãos dos sentidos destas pessoas? Como nossa *consciência mental* também é influenciada por ocorrências mentais independentes e não diretamente ligadas aos sentidos, como por exemplo, os pensamentos ou lembranças por imagens, por palavras, como elas ocorrem nas pessoas com necessidades especiais?

Sabe-se que, enquanto cada órgão tem um campo específico de atividade e que cada sentido é separado do outro, a mente participa de todos os sentidos. Sabemos que ela nos permite “ver”, “ouvir”, “sentir” odores ou sabores e “pensar”, mas pouco sabemos sobre como este processo opera nas pessoas com necessidades especiais, como fica gravado no seu consciente e subconsciente, e como vem à tona em sua consciência?

A crença, em nosso entendimento insustentável, de que este processo fosse devido apenas às nossas experiências anteriores com o mundo exterior – *base externa* – implica em desconsiderar que podemos ver, ouvir, falar ou refletir mentalmente, e que esta faculdade também está presente no modo como o mundo exterior é percebido pelos portadores de algum tipo de deficiência ou disfunção: como a atividade verbal de suas mentes é condicionada? como eles têm consciência dos objetos da mente?

Quando emerge um pensamento por imagem, essa imagem mental é um objeto da mente, mas como imediatamente ocorre o contato com o elemento mental seguinte, emerge a consciência correspondente e este fato ocorre com todos os seres humanos, sejam eles “ideais” ou portadores de algum tipo de deficiência. O que muda é o seu significado, que também pode ser influenciado por outros aspectos não considerados neste trabalho, tais como sexo, idade e estado emocional.

Os ambientes e objetos arquitetônicos, quando refletidos pelo arquiteto, devem estar inundados com as sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas, táteis e mentais representados por objetos distintos que acionam a percepção humana. Mesmo que alguns usuários dos ambientes projetados não tenham pleno funcionamento de algum sentido, eles terão a compreensão de mundo com a mesma força de emoção daqueles que possuem todos os sentidos humanos. Desprezar esta evidência seria o mesmo que recorrer no erro de excluí-los da arquitetura. E como fazer esta arquitetura inclusiva ou total? Como despertar a consciência mental – pensamentos e lembranças – através de imagens, sons, cheiros, gostos e toque?

O mundo material produz na base interna dos sentidos das pessoas com necessidades especiais emoções que as fazem se identificar com cada lugar vivenciado; desta forma ele [o mundo] emerge para estas pessoas criando vínculos com os objetos representativos dos sentidos humanos que correspondem à visão, à audição, ao olfato, ao tato, ao paladar e à mente, sendo condicionados pelo corpo.

Para concluir, acreditamos que ativando os objetos que pertencem a cada sentido, podemos possibilitar a construção de ambientes sensoriais múltiplos e ricos em sensações, que surgem independentemente da plenitude dos sentidos e viabilizam a construção de um mundo imaginado em imagens mentais de cada indivíduo, levando-o a sentir bem-estar em qualquer ambiente pensados para todos os sentidos. Como cada órgão tem um campo específico de atividade e como cada sentido é separado do outro, a mente participa em todos os sentidos e permite a todas as pessoas, inclusive as com necessidades especiais, “ver”, “ouvir”, “sentir” e “pensar”: o que ficando gravado em nosso consciente e em nosso subconsciente vem à tona ao ser despertado pelo lugar.

“Tudo se passa como se o corpo visível permanecesse inacabado, aberto como se a fisiologia da visão lograsse fechar o funcionamento nervoso sobre si mesmo estando os movimentos de fixação, de convergência, na dependência do advento para o corpo, de um mundo visível que eles poderão, segundo se julga, explicar”

MERLEAU-PONTY (2000:142)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES Luciane A.; FRESTEIRO, Rosalia H. *Inclusão Sócio-Espacial: A Percepção do Usuário Como Parâmetro de Avaliação de Acessibilidade*. [Artigo inédito]
- DA SILVA, George; HOMENKO, Rita. *Psicologia do autoconhecimento*. São Paulo: Pensamento, 2002.
- DUARTE, Cristiane Rose e COHEN, Regina. *O Ensino da Arquitetura Inclusiva como Ferramenta para a Melhoria da Qualidade de vida para todos*. In: LARA, F.; MARQUES, S. (Org.) *Projetar – Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto*. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003, p.
- De PAULA, Kátia C. L. *A Arquitetura Além da Visão*. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2003. Dissertação de Mestrado [Arquitetura].
- DÜTCHING, Hajo. *Paul Klee: painting music*. Munich: Prestel Verlag, 2003.
- FRESTEIRO, R. H. *La iluminación de los espacios como parámetro de accesibilidad a personas con baja visión*. Madrid: ETSA/UPM de Madrid, 2002. Tese de Doutorado [Arquitetura].
- GUENTHER, H. V.; KAWAMURA, L. S. *A Mente na Psicologia Budista*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Porto Alegre: Editorial Psy, 1995.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- _____. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- RHEINGANTZ, Paulo A.; EMERY, Osvaldo L. *Para evitar a construção de uma paisagem sonora autista, é preciso saber ouvir a arquitetura*. In *Arquitextos* 093, jul/2001. <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp093.asp>> consulta realizada em 10/06/2004.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003. [editado originalmente em 1991]
- WELWOOD, John. *Em busca de uma psicologia do despertar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.